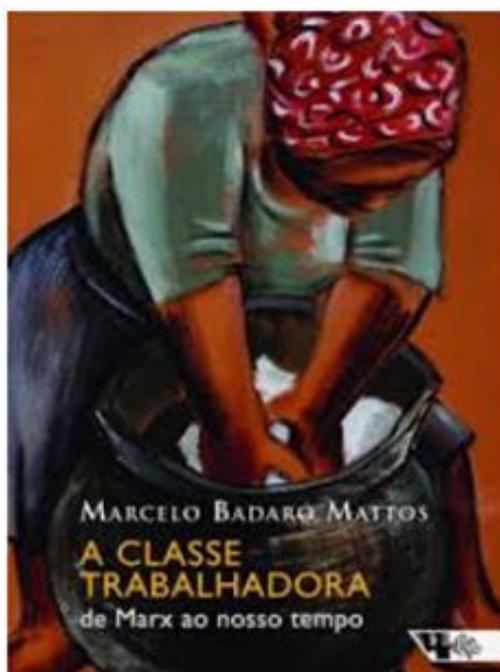


## Resenha do livro “A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo”



MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo**. São Paulo: Boitempo, 2019.

**Caroline Bahniuk**

Universidade de Brasília – UNB – Brasil  
carolbahniuk@yahoo.com.br

### Para citar esta resenha:

BAHNIUK, Caroline. Resenha do livro “A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo”. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 21, n. 46, p. 359-365, maio/ago. 2020.

DOI: 10.5965/1984723821462020359

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723821462020359>

O livro de Marcelo Badaró Mattos, professor titular de história do Brasil na Universidade Federal Fluminense (UFF), disserta sobre a complexa e polêmica temática da definição de classe trabalhadora no interior da tradição marxista, desde os tempos de Marx aos dias atuais. Essa temática não é uma questão somente teórica, pois tem consequências na construção de estratégias de ação política da classe.

A publicação sintetiza a apreensão do autor sobre a concepção de classe trabalhadora em Marx e Engels, lançando mão desse ferramental teórico para problematizar as condições concretas da classe trabalhadora na atualidade, registrando algumas das polêmicas no debate sobre classe. O livro compõe-se de um conjunto de estudos produzidos pelo autor, concentrados nos debates teóricos marxistas e na história social do trabalho, que se propõem a analisar os “processos e relações de trabalho, mas também a classe trabalhadora, por meio de suas condições de vida e de suas formas de organização e ação coletiva.” (MATTOS, 2019, p. 24).

Para tanto, o livro encontra-se organizado em quatro capítulos. No primeiro deles e de maior extensão, o autor busca captar quem é e como se constitui a categoria classe trabalhadora na trajetória marxiana. A partir da perspectiva assumida ao longo do livro, alerta que as categorias são tentativas de apreensão de realidades vivas sempre mais complexas e contraditórias, como também históricas. Daí, portanto, a necessidade de compreender a classe trabalhadora nos dias atuais.

Para Mattos (2019) a condição da classe trabalhadora e seus conflitos aparecem desde os primeiros escritos de precursores do marxismo na década de 1840, e vão ganhando maior robustez com o engajamento de Marx e Engels<sup>1</sup> nas organizações políticas dos trabalhadores. Destaca-se a participação na Liga dos Justos, renomeada posteriormente de Liga dos Comunistas, na qual foram responsáveis pela sistematização do programa político da organização, o que se tornou o *Manifesto do Partido Comunista*, datado de fevereiro de 1848. Esse engajamento perdurou ao longo da vida dos autores, que tiveram participação ativa na criação da I Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em 1864.

---

<sup>1</sup> Convém registrar que Friedrich Engels teve uma contribuição decisiva na produção teórica de Marx, ambos são considerados os fundadores da concepção materialista dialética da história. Ainda bem jovem, em 1845, Engels publicou uma importante obra sobre a classe trabalhadora, denominada de “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”.

Mattos evidencia duas dimensões: a objetiva e a subjetiva, presentes na categoria de classe trabalhadora em Marx e Engels. No entanto, nos previne ser essa divisão um recurso puramente didático, uma vez que elas são indissociáveis tanto nos escritos marxianos como na realidade concreta. Inicialmente, aborda os aspectos objetivos, registrando que o termo aparece nas obras dos referidos autores como aqueles que necessitam vender como mercadoria sua força de trabalho para sobreviver, em oposição aos capitalistas – detentores dos meios de produção. Para o autor, a definição de classe trabalhadora em Marx é uma conceituação“ (...) bastante ampla, como o conjunto de pessoas que vivem da venda da força de trabalho, por meio, primordialmente do assalariamento” (Idem, p. 26), no entanto, a classe não se limita ao operariado industrial, nem ao trabalhador produtivo. Essa leitura de Marx não é consensual e carrega algumas das polêmicas inerentes ao marxismo. Em vista disso, o autor apresenta sua argumentação para sustentar suas afirmações.

Nesse momento, evidencia aspectos presentes sobretudo na principal obra de Marx: *O capital: crítica à economia política*. Apesar de ser ela uma obra inacabada e Marx não ter escrito o capítulo previsto sobre as classes sociais, essa discussão, para Mattos, atravessa toda a produção. Dialogando principalmente com o estudo de Bensaïd intitulado *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*, afirma que Marx, nos três tomos da referida publicação, demonstra a exploração da classe trabalhadora na produção, no consumo e na distribuição de renda na reprodução global do capital. Sendo assim, sua conceituação de classe não se restringe ao local que o trabalhador ocupa na produção, mas também não o desconsidera.

Reflete dois processos analisados em *O capital* em que as questões de classe têm forte presença: a acumulação primitiva, em que Marx denuncia a expropriação dos proprietários diretos desde o século XV, com a anuência do Estado, e a partir dessa violenta expropriação constitui-se a oposição central do modo de produção capitalista, a relação capital e trabalho. A acumulação capitalista gera tendencialmente uma concentração e centralização de capital, fazendo com que o aumento da produtividade, resultado da disputa entre os capitalistas, produza uma quantidade maior de riqueza, com uma maior concentração de capital constante (meios de produção), em relação à força de trabalho. A

expansão capitalista tende a garantir a riqueza nas mãos de cada vez menos pessoas e amplia as condições de desemprego e pauperização da classe trabalhadora.

Outra questão cara e com consequências para a definição ampla de classe trabalhadora são as distinções entre trabalho produtivo e improdutivo em Marx<sup>2</sup>. O primeiro refere-se a um trabalho que produz diretamente mais-valor. Mattos considera não ser o conteúdo desempenhado ou o setor da economia que definem o trabalhador produtivo, de forma que a classe trabalhadora não é formada tão somente por exercer ou não o trabalho produtivo, mas sim por sua condição proletária e pelo assalariamento.

A condição subjetiva, outra dimensão da classe, refere-se à consciência de classe e à classe como sujeito histórico social. Para Mattos, a combinação entre ação transformadora com circunstâncias históricas é um aspecto peculiar da obra marxiana. A consciência é produto das relações sociais que as engendram, havendo uma preponderância material na formação da consciência. Para a perspectiva materialista histórica, as ideias dominantes tendem a reproduzir as relações sociais hegemônicas, no entanto, essa relação não é mero reflexo e carrega consigo mediações, contradições e limites.

Na problematização da formação da consciência são trazidas outras categorias do arcabouço teórico marxiano, como por exemplo, ideologia e alienação, colocadas em diálogo com outros autores marxistas. Nesse momento, há um destaque para os estudos de Marx e Engels sobre os momentos históricos concretos da classe trabalhadora europeia e os diversos graus de desenvolvimento ou não da consciência revolucionária nesses contextos. A partir dessas formulações, a consciência de classe dos trabalhadores e o papel desta como sujeito revolucionário não é compreendido de modo linear, nem determinista, de maneira que o curso entre os distintos graus de consciência são processuais, atrelados às experiências da luta de classe, à vinculação da classe a uma teoria revolucionária.

Até esse momento do livro, Mattos destaca ter se valido da concepção de classe trabalhadora em termos de sujeito social coletivo enquanto uma unidade, no entanto, essa unidade é constituída por diferenças advindas tanto das condições objetivas de

---

<sup>2</sup> A discussão a respeito de trabalho produto e improdutivo encontra-se em: MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Centauro, 2004,

exploração, como das formas de consciência. Essas distinções no interior da classe trabalhadora também aparecem em algumas passagens da obra marxiana.

Mattos considera a heterogeneidade da classe, um aspecto importante para a definição de classe trabalhadora e suas estratégias de luta. Nem todos os trabalhadores vivem a exploração capitalista da mesma maneira, e a classe é atravessada por diversas opressões e preconceitos que se articulam à exploração capitalista e a intensificam. Para o autor, apesar de certas dificuldades de parte do marxismo em lidar com a heterogeneidade da classe e as distintas experiências históricas de opressão, o fato não invalida a perspectiva marxista para explicá-lo. Nessa direção, põe em realce as opressões de gênero e de raça discutindo como elas se renovam e se articulam com o modo de produção capitalista e como essa diferenciação interna compõe e complexifica a classe e suas lutas.

No segundo capítulo do livro, o autor busca traçar um perfil atual da condição da classe trabalhadora no mundo e no Brasil por meio de dados empíricos, à luz do referencial marxista abordado, de forma a demonstrar que a expansão da acumulação capitalista tem ampliado o contingente de pessoas que precisam vender sua força de trabalho para sobreviver. Os dados mostram que houve nas últimas décadas um crescimento exponencial da força de trabalho. Ao mesmo tempo, esse crescimento vem sendo acompanhado do aumento do desemprego e da precarização do trabalho – dimensões essas que atingem de maneira mais aguda os jovens, as mulheres e os imigrantes da classe trabalhadora.

A tendência em curso demonstra também uma ampliação substantiva do setor de serviços em detrimento da indústria e da agricultura. Ao operar em uma perspectiva global, e apesar de reconhecer a retração da industrialização em diversos países europeus, em outros ela se expandiu como, por exemplo na China e na Índia, em que há um volumoso crescimento da industrialização, o que mantém os dados mundiais sobre a força de trabalho fabril relativamente estáveis. No entanto, essa ampliação se efetiva sob o fardo da precarização da força de trabalho. Nesse momento, o autor registra sua definição de classe trabalhadora na atualidade:

tendo como referência em Marx, não é apenas no operariado fabril que devemos procurar a classe trabalhadora e, portanto, o sujeito potencial da transformação revolucionária da sociedade. O proletariado é muito mais

amplo e envolve os trabalhadores produtivos e improditivos, empregados e desempregados, formais e informais, mais ou menos precários (embora a proletarização envolva sempre precarização em algum grau), assalariados regulares ou não. (Idem, p. 90)

Na terceira parte do livro, o autor discute a negação da classe trabalhadora e seu papel como sujeito revolucionário, por parte de alguns autores (Claus Offe, André Gorz, Roberto Kurz, Moishe Postone). Centrados em uma concepção eurocêntrica, advogam pelo fim da centralidade do trabalho na vida social contemporânea. Mattos sublinha as formulações críticas de Antunes (1999), um dos principais autores brasileiros da crítica à tese do fim da centralidade do trabalho e que também considera a classe a partir de uma visão ampliada, reconhecendo que os principais limites das referidas teses se encontram numa visão restrita da classe como a classe operária industrial. Nessa direção, a classe é compreendida, como um processo, sua composição se altera ao longo do tempo a depender das relações sociais e suas particularidades locais, assim como a condição do trabalhador, em geral, altera-se ao longo da vida entre emprego e desemprego, entre informalidade e formalidade, e suas formas de lutas e organização (diminuição dos sindicatos). As modificações do mundo do trabalho não significam o fim do trabalho e sua exploração sob o capitalismo.

No último capítulo, o autor verticaliza o diálogo com autores que enfatizam a dimensão histórica da classe trabalhadora, sem perder a centralidade do trabalho e da classe trabalhadora como sujeito revolucionário. No entanto, são autores que buscam superar uma visão eurocêntrica da classe trabalhadora, considerando as especificidades da constituição da força de trabalho na expansão do capital pelo mundo.

O exercício proposto pelo autor, que lhe permitiu chegar à confirmação da sua tese da validade analítica da categoria classe trabalhadora e/ou proletariado para compreender o capitalismo na contemporaneidade, nos lembra a assertiva de Netto (2006), que nos diz que as formulações de Marx e Engels, elaboradas no século XIX são essenciais, porém insuficientes para a apreensão do capitalismo atual. Num momento do capitalismo em que se amplia substantivamente as pessoas que necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver, ou seja, que mais pessoas sentem a exploração capitalista, obliteram-se por meio da precarização e fragmentação dos trabalhadores suas formas de resistências e lutas

unitárias. A intenção da resenha se faz no sentido de instigar a leitura do próprio livro e da produção marxiana e de outros marxistas, na tentativa de conseguirmos coletivamente apreender, não sem limites, a classe em movimento em sua unidade e diversidade, condição essa para construir estratégias de luta de confronto ao capital.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

BENSAID, Daniel. **Marx o intempestivo**: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 1999.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).

Recebido em: 12/04/2020

Aprovado em: 29/04/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 21 - Número 46 - Ano 2020

revistalinhas@gmail.com